

12

Goiás: do vazio ao heterogêneo

PEDRO ABEL VIEIRA
ANTONIO MARCIO BUAINAIN
ELISIO CONTINI

RESUMO

Notícias recentes apontam que a tecnologia está transformando o mundo em uma “imensa teia de relações” por onde transita a “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação”. Por outro lado, o tema de concentração da riqueza explode no debate público a partir das constatações publicadas por Thomas Piketty no livro O capital no século XXI, que traz comprovação sobre a concentração da riqueza, que, no limite, pode ameaçar os fundamentos da sociedade democrática nos quais se sustenta todo o sistema de mercado. A trajetória da sociedade brasileira no século XX poderia ser tomada como um caso riquíssimo sobre as transformações sociais e econômicas. Em poucas décadas, o país transita de uma economia agrária e exportadora, baseada no café e no açúcar, para uma economia urbana e industrial. Uma leitura superficial dessa transição pode esconder um fato evidente: em nenhum momento foi superada a forte relação com a agricultura, seja nos aspectos negativos – quando a produção de alimentos insuficiente é responsável pela inflação que fomenta tensões sociais –, seja nos aspectos positivos – pela contribuição para a ocupação do território nacional, a criação de postos de trabalho, a geração de divisas e o adensamento de importantes cadeias de valor. Goiás é um exemplo das transformações ocorridas no Brasil: nas últimas três décadas, melhorou seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) absoluto, e sua economia cresceu acima da média nacional. Essa dinâmica virtuosa foi resultado da agricultura, de indústrias e de empresas de serviços modernas, cuja instalação só foi possível pela superestrutura disponível em Goiás implementada a partir da década de 1930. A despeito do sucesso, a prosperidade goiana não contribuiu para aliviar as desigualdades dos 246 municípios do estado. Em 2010, apenas 42 apresentaram IDH alto; 131, IDH baixo. Essa realidade é consequência de que, se alguns espaços do estado de Goiás “embarcaram” em diferentes “vagões” da agricultura, indústria e serviços puxados por “locomotivas movidas pela inovação”, outros não o fizeram. Que fatores determinaram a configuração social e espacial de Goiás? O principal objetivo deste capítulo é compreender alguns dos fatores responsáveis pela heterogeneidade goiana de forma a contribuir para os espaços retardatários possam também “embarcar” na “locomotiva da inovação”.

ABSTRACT

Recent reports indicate that technology is transforming the world into a “vast web of relationships” through which moves the “locomotive of development driven by innovation”. On the other hand, the topic of wealth concentration has exploded in public debate due to findings

published in the book Capital in the twentieth century by Thomas Piketty, which offers evidence on the concentration of wealth, which, at its worst, can threaten the foundations of a democratic society on which rests the entire market system. The path of Brazilian society throughout the 20th century could be considered as a rather impressive case in social and economic transformations. In just a few decades, the country went from an agrarian and export economy, based on coffee and sugar, to an urban and industrial economy. A superficial reading of this transition may blur an obvious fact: the strong relationship with agriculture was never surpassed, neither in negative aspects – in which insufficient food production is responsible for inflation which causes social tensions, nor in positive aspects – for its contribution to occupying the national territory, creating jobs, generating foreign exchange, and consolidating important value chains. Goiás is an example of the changes that have taken place in Brazil: in the last three decades, in absolute numbers, it has improved its Human Development Index (HDI), and its economy has grown above the national average. These virtuous dynamics resulted from agriculture, industries and modern service providers, whose implementation was only possible due to the superstructure available in Goiás, which had been implemented as of the 1930s. Despite this success, Goiás' prosperity did not help reduce inequalities in 246 municipalities throughout the state. In 2010, only 42 had high HDIs; while 131 had low HDIs. This reality is because some areas in Goiás "jumped on" the different "wagons" of agriculture, industry and services moved by "locomotives driven by innovation", while others did not do the same. What factors determined the social and spatial landscape in Goiás? The main aim of this chapter is to consider some of the factors responsible for Goiás' heterogeneity in order to help less advanced areas to also "jump on" the "locomotive of innovation".

INTRODUÇÃO

O último Fórum Mundial de Davos,¹ realizado entre 22 e 25 de janeiro de 2014, com o título "The Reshaping of the World: Consequences for Society, Politics and Business", discutiu como a tecnologia, que cruza fronteiras geográficas, de gênero e de ge-

¹ O Fórum Econômico Mundial é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1971 por Klaus Schwab. Reúne líderes empresariais, políticos, intelectuais e jornalistas, com o objetivo de discutir as transformações políticas, econômicas e sociais globais. O evento mais importante da organização é o Fórum Mundial de Davos, um encontro anual que reúne líderes da economia mundial [WEF (2014)].

rações, transforma o mundo em uma “imensa teia de relações”, conformando as sociedades e instituições. Uma economia sustentável e que promova o bem comum em escala global foi a principal meta proposta pelo fórum. Essa meta tem como objetivo reverter a natureza concentradora e excludente da tecnologia,² com efeitos negativos para os grupos que não conseguem embarcar na “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação tecnológica”. O fórum sustenta que as desigualdades são próprias do capitalismo (porém, que seu aprofundamento é um risco para a estabilidade global) e que os governos devem tomar medidas para aumentar a produtividade e prevenir excessos na concentração da riqueza [WEF (2014)]. Talvez por mera coincidência, o tema de concentração da riqueza, sempre varrido para debaixo dos tapetes, explode na imprensa e no debate público a partir das constatações do economista francês Thomas Piketty, publicadas no livro *O capital no século XXI*, que traz comprovação de que o capitalismo tem produzido uma considerável concentração da riqueza e que, no limite, pode ameaçar os próprios fundamentos da sociedade democrática nos quais se sustenta todo o sistema de mercado.

A trajetória da sociedade brasileira no século XX poderia ser tomada como um caso riquíssimo para estudar e compreender transformações sociais e econômicas profundas, tanto na geração como na distribuição da riqueza. Em poucas décadas, o país transita de uma economia agrária e exportadora, baseada no café e no açúcar, para uma economia urbana e de base industrial. Entre 1950 e 1970, o país foi palco de deslocamento

² Essa afirmação implica o conceito de inovação tecnológica. Como um conceito geral, tecnologia é um processo de invenção, inovação, desenvolvimento e difusão/adoção que altera um modo de produção; assim, estruturas organizacionais, competências de gestão e cultura são consideradas parte da tecnologia. Alguns, a exemplo dos investidores que não se apropriam plenamente dos benefícios da acumulação de conhecimento, acreditam que o conhecimento que leva a avanços tecnológicos difere do capital físico e humano, porém, é inegável, mesmo com repercussões modestas, que o acúmulo de conhecimento é um fator importante no processo de desenvolvimento. Enquanto a maior parte do crescimento, historicamente, tem sido atribuída às mudanças tecnológicas exógenas, algumas pesquisas que tratam a tecnologia como conhecimento indicam que o capital físico e humano pode reduzir a importância da inovação exógena e de seus transbordamentos; ou seja, a tecnologia é tanto um determinante como um resultado do aumento da renda [Jorgenson (2011)].

populacional massivo do campo para as cidades; a indústria, inicialmente voltada para substituição de importações, expande-se para os setores de bens de capital e insumos, criando uma estrutura industrial complexa, que impulsiona a economia a uma taxa média de crescimento de 7% a.a. durante várias décadas. No período mais recente, a partir dos anos 1990, a economia passa por transformações profundas como resultado da crise dos anos 1980 e das políticas de reforma e ajuste implementadas para superá-la. Uma leitura superficial desses processos tende a esconder um fato evidente: em nenhum momento, a dinâmica da economia e da sociedade brasileira superou a forte relação com a agricultura, seja nos aspectos negativos – quando a produção de alimentos insuficiente é responsável pela inflação e carestia que fomentam as tensões sociais –, seja nos aspectos positivos, pela contribuição da agricultura e do complexo agroindustrial para a ocupação do território nacional, criação de postos de trabalho, geração de divisas e adensamento de importantes cadeias de valor presentes na economia brasileira.

Goiás é um exemplo das transformações ocorridas no Brasil no período mais recente: nas últimas três décadas melhorou seu IDH absoluto, chegando à oitava posição no âmbito nacional em 2010. A economia de Goiás cresceu acima da média nacional, resultado da agricultura, de indústrias e de empresas de serviços modernas, cuja instalação só foi possível pela superestrutura disponível em Goiás [IMB (2013)].

A despeito do sucesso, a prosperidade goiana não contribuiu para aliviar as desigualdades: o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) goiano variou de 0,8610 a 0,4981 em 2010, com apenas 42 municípios com IDH alto e 131 com IDH baixo. Essa realidade é consequência de que, se alguns espaços do estado de Goiás “embarcaram” em diferentes “vagões” da agricultura, indústria e serviços puxados por “locomotivas movidas pela inovação”, outros não embarcaram. Que fatores determinaram a

configuração social e espacial de Goiás? Não há dúvida de que a dinâmica da economia goiana, apesar do crescimento da indústria e serviços, mantém forte relação com os recursos naturais.³ Mas não é possível atribuir à natureza o resultado de processos que são iminentemente econômicos, sociais e políticos, tal como fica evidenciado nas múltiplas configurações de espaços com base natural semelhante. Um dos objetivos deste capítulo é compreender alguns dos fatores responsáveis pela heterogeneidade espacial de Goiás, de forma a contribuir para que aqueles retardatários possam também embarcar nas “locomotivas da inovação”. Para tanto, no primeiro tópico será apresentada uma breve trajetória do estado de Goiás, comentando sobre seus recursos naturais, sua história e sua infraestrutura. No segundo tópico, será discutida e especializada a riqueza goiana com base no Produto Interno Bruto (PIB) agregado e em seus componentes (agricultura, indústria e serviços). Esses tópicos embasarão a discussão final sobre os limites do desenvolvimento para Goiás.

A TRAJETÓRIA GOIANA

Goiás tem um território de 340.103,467 km², 4% do território nacional, com cerca de 60% de seu território antropizado, com destaque para atividades vinculadas à agricultura,⁴ à mineração e às áreas urbanas [Sano *et al.* (2007)]. A estrutura urbana do estado é bastante heterogênea; em 2010, entre os 246 municípios, apenas nove, todos localizados no eixo Goiânia-Brasília, tinham mais de 100 mil habitantes. A densidade populacional urbana

³ Para alguns, essa dependência é um limite ao desenvolvimento socioeconômico. De fato, evidências empíricas mostram que recursos naturais têm forte relação negativa com o crescimento econômico. Países pobres em recursos naturais tendem a crescer mais do que os países ricos em atividades intensivas em mão de obra induzindo assim a maior diversificação produtiva e acumulação mais intensa de capital físico, humano e social. Essas evidências sugerem que os países ricos em recursos naturais devem investir suas rendas obtidas desses recursos no sentido do consumo sustentável. Algumas evidências sugerem que os fatores mais importantes para diferentes taxas de crescimento, dependendo do nível de renda do país, são: (i) o capital físico em países de baixa renda ou nos estágios iniciais de desenvolvimento; (ii) o capital humano nos países de renda média; e (iii) as novas tecnologias em países avançados [Auty e Gelb (2001)].

⁴ Os autores incluem a pecuária na produção agrícola.

variava de 2.197,15 habitantes.km⁻², no eixo Goiânia-Brasília, a menos de dois habitantes.km⁻², nas regiões norte e nordeste e parte da região sudoeste [IMB (2013)].

A formação de Goiás reflete a dinâmica do Brasil, que tem início no período do Brasil Colonial, passa pela Marcha para o Oeste da década de 1930, pelo salto dos cinquenta anos em cinco no fim dos anos 1950, pelo Brasil do milagre econômico em 1970 e pela conquista do Cerrado pela agricultura brasileira, nas últimas décadas. Após a década de 1970, Goiás teve seu desenvolvimento acelerado. Nesse período, estabeleceram-se grandes empresas agroindustriais, principalmente na região sudoeste, projetos de infraestrutura (energia, comunicação e educação) e de mineração de grande escala. Esse crescimento foi viabilizado e apoiado por investimentos públicos, programas de desenvolvimento e políticas setoriais implementadas de forma decisiva a partir do Plano de Metas.

Em 1988, Goiás foi dividido, dando origem, ao norte, ao estado do Tocantins, área que concentrava as maiores carências sociais e conflitos pela posse de terras. Isso aliviou as tensões no “novo” Goiás, que passou a priorizar o desenvolvimento das regiões dinâmicas, o sudoeste, o sul e o sudeste [Chaul (1997)]. Dessa forma, a participação da economia goiana cresceu no cenário nacional, passando de 2,0% no PIB nacional em 1995 para mais de 2,7% em 2010 [IMB (2013)].

Até a década de 1990, em linha com as previsões do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer) e do Programa para o Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro),⁵ a dinâmica da ocupação goiana pode

⁵ O processo de ocupação do Cerrado brasileiro, iniciado na década de 1970, foi alicerçado em um modelo caracterizado pela ocupação inicial com arroz e pastagem, seguida da cultura soja e, mais recentemente, do milho e do algodão. Uma das estratégias utilizadas foi o apoio financeiro, nacional e internacional, por meio de programas ligados à produção agrícola em escala e à exportação. Foram implementados programas, destacando-se o Polocentro e o Prodecer. O principal instrumento desses programas foi o crédito supervisionado, com linhas de financiamento abrangentes incluindo a indústria de insumos e de transformação, sendo previstos créditos para investimento, despesas operacionais e assistência técnica [Rodrigues, Vasconcelos e Barbiero (2008)].

ser explicada pela expansão da fronteira agrícola, a mineração e o comércio que impactaram o setor industrial, com destaque para a indústria de alimentos, de insumos agrícolas e de transformação. De fato, a disponibilidade de recursos naturais mais acessíveis (preços da terra mais baixos que no Sul e Sudeste do país), as facilidades de acesso aos mercados, a oferta de recursos públicos baratos e as transferências implícitas em um conjunto de instrumentos utilizados para fomentar o desenvolvimento regional atraíram grandes fluxos migratórios que contribuíram para a elevação da população de Goiás,⁶ com destaque para os gaúchos – designação genérica para os migrantes oriundos do Sul. Oriundos de uma região com limitação de terras para expandir a agricultura e portadores de tradição e de experiência em sistemas de produção agrícolas mais intensivos em tecnologia e capital, os gaúchos encontraram no Cerrado uma combinação propícia para expressar seu empreendedorismo na agricultura: terras planas e não degradadas, recursos públicos, mercados em expansão e, principalmente, baixa resistência da população local [Santos (2008)].

O dinamismo do setor primário e da agroindústria impactou o setor de serviços, que cresceu e se diversificou, gerando uma dinâmica virtuosa para o estado. Porém, essa dinâmica não fomentou, até os anos 1990, indústrias de maior complexidade e motoras da econômica mundial, a exemplo da eletrônica e da de fármacos.

A partir da década de 1990, os investimentos em Goiás se diversificaram em relação àquelas áreas que até então apareciam como “vocação histórica” (agricultura, comércio e logística), a exemplo da indústria automobilística, da farmoquímica e da indústria de equipamentos de precisão, que alteraram significativamente a dinâmica e trajetória da economia goiana. Esses investi-

⁶ Em 1950, o estado contava com cerca de 1 milhão de habitantes, chegando a mais de 6 milhões em 2010 (1,8% a.a.), distribuídos em 246 municípios, sendo o estado mais populoso do Centro-Oeste. Essa dinâmica demográfica foi calcada na migração; cerca de 25% da população de Goiás é composta por imigrantes, principalmente, dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Maranhão, Bahia e Piauí [IMB (2011b)].

mentos contaram com forte apoio do setor público, seja na forma de financiamento em condições especiais abrigado em recursos do fundo constitucional, entre outros, seja na forma de incentivos fiscais concedidos diretamente pelo governo estadual para atrair novas indústrias. Também contaram com infraestrutura e ambiente favorável (logística, energia, mão de obra, educação e pesquisa, entre outros), e com uma ação ativa do governo estadual para promover a industrialização.

O resultado desse processo tem sido positivo. Goiás conta com uma extensa, embora insuficiente, malha rodoviária, 52% pavimentada, que liga todos os seus 246 municípios e integra o território goiano aos estados vizinhos. O estado também dispõe da Ferrovia Centro-Atlântica, que atende à região sudeste do estado e ao Distrito Federal, além da Ferrovia Norte-Sul,⁷ ainda em construção, que ligará Goiás às regiões Norte e Sul do Brasil. O estado ainda está incluído no projeto da Ferrovia de Integração Centro-Oeste, primeira parte do projeto da Ferrovia Transcontinental, que ligará o litoral fluminense à fronteira Brasil-Peru. Além das rodovias e ferrovias, Goiás tem acesso à hidrovia Paraíba-Tietê-Paraná por meio do Complexo Portuário de São Simão, o qual tem capacidade de armazenagem de 89 mil toneladas e é um dos principais acessos da Região Centro-Oeste, principalmente Goiás, ao Mercosul [IMB (2013)].

Na área da energia, em 2011 Goiás produziu cerca de 13% mais do que consumiu, conferindo destaque ao crescimento do setor sucroenergético. Os investimentos em energia da biomassa, além de suprir com folga o consumo de etanol,⁸ complementaram os investimentos em energia hidráulica, a exemplo da usina de Serra da Mesa, e possibilitaram ao estado exportar ener-

⁷ A ferrovia ampliará e integrará o sistema ferroviário brasileiro. Ligará Senador Canedo (GO) a Belém (PA), conectando-se, ao sul, em Anápolis (GO), com a Ferrovia Centro-Atlântica e, ao norte, em Açailândia (MA), com a Estrada de Ferro Carajás [Goiás (s.d.)].

⁸ Goiás consumiu 1,1 milhão de m³ de etanol em 2010, o que representou 38,2% da produção, e exportou 1,8 milhão de m³ [Seinfra (s.d.)].

gia elétrica.⁹ Ainda, a participação de fontes renováveis, com destaque à cana-de-açúcar (43%) e a hidroeletricidade (8,8%), representaram mais de 55% do consumo energético do estado, valor superior à média mundial [Seinfra (2014)].

Complementando os investimentos em infraestrutura, as demais políticas públicas possibilitaram ao estado a integração com os mercados interno e externo, além de as despesas do setor público na região contribuírem para a criação e manutenção de demanda agregada. Ou seja, o desenvolvimento de Goiás, por um lado, pode ser explicado pelos investimentos e políticas que possibilitaram a diversificação da base produtiva e, por outro, pelo crescimento populacional que ocupou grandes áreas inóspitas incorporando o empreendedorismo dos gaúchos nesse processo. Essa é a base do desenvolvimento goiano e, portanto, deve ser considerada ao projetar o futuro do estado, porém, é inegável que esse desenvolvimento teve forte ligação com o comércio, a logística, a agricultura e a mineração.

A RIQUEZA GOIANA

Goiás está entre as dez maiores economias do Brasil. Seu PIB, de R\$ 97,6 bilhões em 2010, teve crescimento superior à média brasileira,¹⁰ chegando a representar 2,5% do PIB nacional e posicionando o estado em nono lugar naquele ano. O setor de serviços representou 60,9% da produção de riquezas em 2010, enquanto o setor industrial, bastante diversificado, participou com 26,2%, e a agricultura com 12,8%.

Os números absolutos e médios escondem a concentração geográfica do dinamismo econômico. Os dez municípios goianos mais ricos (Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Rio Verde, Catalão, Senador Canedo, Itumbiara, Jataí, Luziânia e São

⁹ Da produção de eletricidade, Goiás consumiu 11,8 mil GWh e exportou 17,6 mil GWh, cerca de 40% e 60% da produção, respectivamente [Seinfra (s.d.)].

¹⁰ Nos últimos dez anos, a economia goiana cresceu 56,4%, mais que a média nacional (42,8%) no mesmo período [IMB (2011b)].

Simão) detiveram 60,3% do PIB estadual em 2010, tendo a indústria e os serviços como atividades principais. São economias locais modernas, dinâmicas e integradas à economia global, ou seja, esses municípios são “vagões da locomotiva do crescimento movida pela inovação tecnológica”. No outro extremo, os dez municípios mais pobres (Anhanguera, Jesúpolis, Teresina de Goiás, Palmelo, Buritinópolis, Lagoa Santa, Cachoeira de Goiás, Aloândia, Damianópolis e São Patrício) são economias de baixo dinamismo, pouco integradas às cadeias de valor mais relevantes, e neles o setor de serviços depende fundamentalmente do setor público. Enquanto nos dez mais ricos o comércio, a logística e os serviços financeiros representam mais da metade do PIB de serviços, nos dez mais pobres a participação da administração pública não foi inferior a 41,1% em 2010 [IBGE (s.d.)].

O PIB *per capita* (R\$ 16.251,70, em 2010) de Goiás, o 12º do Brasil, também é bastante heterogêneo entre os municípios (Figura 1). Em 2010, o município de Alto Horizonte, que sedia uma indústria de extração e beneficiamento de sulfeto de cobre com produção destinada à exportação, ocupou a primeira posição no PIB *per capita* estadual equivalendo a mais de dez vezes o PIB *per capita* estadual médio. Chapadão do Céu, Perolândia, Porteirão e Campo Alegre de Goiás, todos localizados nas regiões sudoeste e sul do estado, foram o segundo, o quarto, o sétimo e o décimo primeiros maiores PIB *per capita* de Goiás em 2010, resultados atribuídos à produção agropecuária. Já São Simão, na região sul, foi a terceira colocação por conta da geração de energia elétrica, enquanto Cachoeira Dourada (quinta), Catalão (sexta), Turvelândia (oitava) e Ouidor (nona), todos esses municípios nas regiões sul e sudoeste, tiveram no setor industrial a maior contribuição. Senador Canedo foi o único entre os dez primeiros que teve participação expressiva do setor de serviços.

Quando analisados os dez piores PIB *per capita* de Goiás, além da grande disparidade em relação aos dez primeiros, ob-

serva-se participação expressiva de municípios localizados no entorno do Distrito Federal (Águas Lindas de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Novo Gama, Cidade Ocidental, Planaltina e Aragoiânia). Esses municípios são excluídos pela dinâmica econômica do Distrito Federal, colocando-se como dormitórios de mão de obra com baixa qualificação e baixa remuneração.

A análise do PIB *per capita* dos municípios de Goiás revela uma disparidade entre: (i) um grupo de municípios mais rico, heterogêneo e pouco dinâmico,¹¹ localizado majoritariamente nas regiões sul, sudoeste e Metropolitana de Goiânia; (ii) outro grupo rico, mais heterogêneo e mais dinâmico,¹² localizado majoritariamente nas regiões centro, norte e nordeste; e (iii) o Entorno do Distrito Federal, menos rico, menos heterogêneo e pouco dinâmico¹³ (Figura 1). Ou seja, Goiás está dividido em três regiões: (i) a Metade Sul, como um “vagão atrelado à locomotiva”; (ii) a Metade Norte, buscando o atrelamento à “locomotiva”; e (iii) o Entorno do Distrito Federal, com características de uma economia dual.

Quanto aos transbordamentos setoriais, observa-se relação positiva (45,1%), neutra (0,1%) e negativa (-63,5%) entre o PIB *per capita* e a participação da indústria, da agricultura e dos serviços na economia municipal. As riquezas agrícola e industrial apresentam boa relação (34,5%) entre si, enquanto a riqueza dos serviços apresenta relação negativa com a indústria e neutra com a agricultura. As relações da agricultura e da indústria estão de acordo com as teorias econômicas e sugerem haver transbordamentos intersetoriais positivos entre si e, para o grupo de mu-

¹¹ O PIB *per capita* médio desses municípios em 2010 (R\$ 16.414,34) foi superior aos demais, enquanto o respectivo desvio-padrão (R\$ 12.607,24) foi intermediário, ou seja, é uma região mais rica e heterogênea. Por outro lado, a taxa de crescimento média entre 1980 e 2010 (12,1% a.a.) foi a menor, caracterizando-os como pouco dinâmicos [IMB (2011a)].

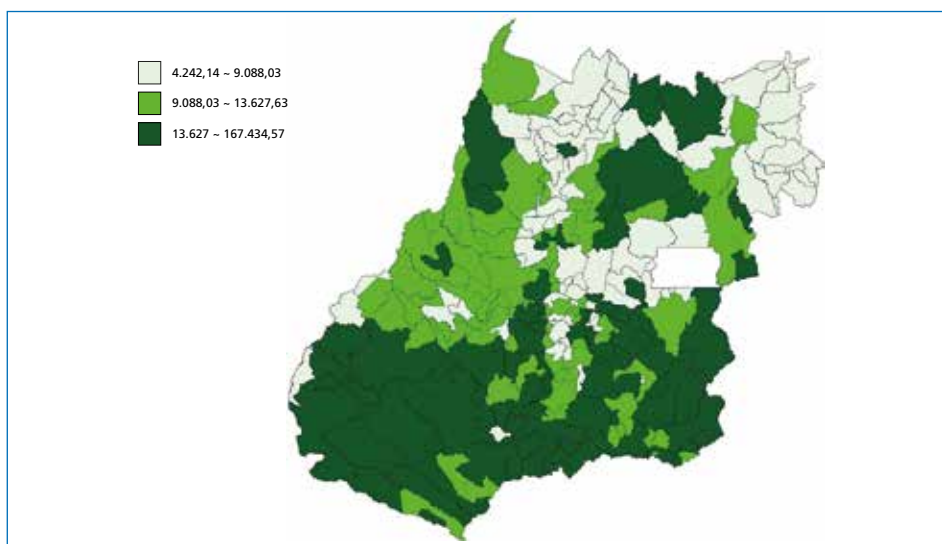
¹² O PIB *per capita* médio desses municípios em 2010 (R\$ 12.539,99) foi intermediário em relação aos demais, enquanto o respectivo desvio-padrão (R\$ 18.187,92) foi o maior; ou seja, é uma região rica e mais heterogênea. Por outro lado, a taxa de crescimento média entre 2000 e 2010 (14,2% a.a.) foi a maior, caracterizando-os como muito dinâmicos [IMB (2011a)].

¹³ O PIB *per capita* médio (R\$ 8.046,58) e o respectivo desvio-padrão (R\$ 4.356,40) desses municípios em 2010 foram os menores em relação aos demais; ou seja, é uma região menos rica e mais heterogênea. A taxa de crescimento média entre 2000 e 2010 (12,2% a.a.) foi a segunda menor, caracterizando-os também como pouco dinâmicos [IMB (2011a)].

nicipios mais dinâmicos, também com o setor de serviços. Nesse caso, nos dez municípios mais ricos, agricultura e indústria têm alta relação com os serviços, enquanto nos dez municípios mais pobres agricultura e indústria têm relações neutra e negativa, respectivamente, com os serviços. Ou seja, nos municípios ricos, a agricultura e a indústria geram transbordamentos para o setor de serviços; enquanto nos municípios com baixo PIB *per capita*, notadamente na região nordeste, onde a participação dos serviços da administração pública é elevada e a renda depende de transferências externas, a exemplo do Fundo de Participação dos Municípios (FPM),¹⁴ os transbordamentos intersetoriais são mínimos. Ou seja, enquanto em alguns municípios a “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação” está a “plena carga”, em outros municípios a locomotiva sequer chegou.

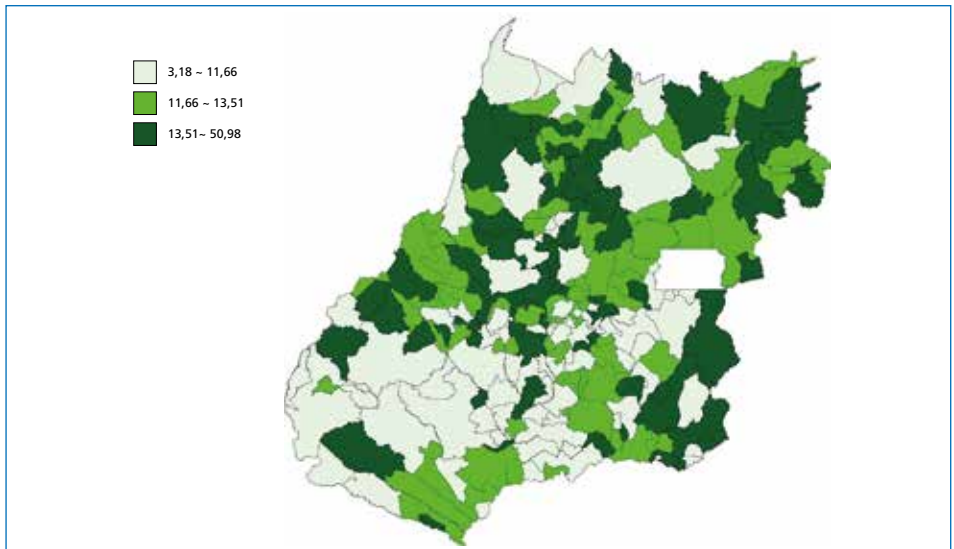
FIGURA 1 PIB *per capita* dos municípios goianos no ano de 2010 e sua variação anualizada (% a.a.) entre 2000 e 2010

FIGURA 1A PIB



¹⁴ O FPM destina 10% do produto da arrecadação nacional do Imposto sobre Renda (IR) e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), descontados os incentivos fiscais, a cada município brasileiro.

FIGURA 1B Variação anualizada



Fonte: Elaboração própria, com base em dados de IBGE (2014).

A AGRICULTURA

Em 2010, menos de 3% do território goiano era ocupado com agricultura permanente, cerca de 19% com agricultura temporária, 50% com pastagens (38% cultivadas e 12% naturais) e, do espaço agrário, cerca de 13% era ocupado com assentamentos. Os principais produtos são a soja e o milho, cuja produção representa 89,6% do volume de grãos produzido em Goiás em 2010, 9% da produção nacional desses itens e coloca o estado como o quarto maior produtor nacional de grãos. Goiás produz ainda algodão, arroz, batata, cana-de-açúcar, feijão e trigo, além de ervilha, sorgo e tomate, culturas em que Goiás é o maior produtor nacional. Além das lavouras temporárias, algumas frutas – banana (7,7% a.a.), laranja (10,8% a.a.) e melancia (11,1% a.a.) – e florestas plantadas (6,5% a.a.) tiveram crescimento significativo obtendo destaque no cenário nacional (Tabela 1). Essa produção concentra-se na Metade Sul, com destaque para a produção de

grãos nas regiões sul e sudoeste e alguma presença nas regiões norte e oeste.

Goiás detém o quarto maior rebanho bovino nacional, com 21,4 milhões de cabeças e crescimento de 2,3% a.a. entre 2000 e 2010. O efetivo de suínos (2.046.727 cabeças em 2010) aumentou 6,1% a.a. no mesmo período. O efetivo de aves aumentou 2,7% a.a., totalizando 55.156.362 cabeças em 2010 (Tabela 1). A produção pecuária bovina concentra-se na Metade Norte, com destaque à região norte, enquanto as produções de suínos e aves concentram-se na Metade Sul, especialmente na região sudoeste. Nesse caso, merece destaque o município de Rio Verde, na região sudoeste, que ocupou a segunda posição na produção nacional de suínos e aves.

O sucesso da agricultura goiana transbordou para a produção de bioenergia, notadamente a produção de etanol da cana-de-açúcar e de biodiesel. Na atualidade, Goiás é vice-líder nacional na produção de etanol,¹⁵ e suas unidades sucroalcooleiras geram mais de 729 MW de energia elétrica. Ainda, suas seis unidades de produção respondem por cerca de 20% da produção nacional de biodiesel. A produção de bioenergia em Goiás é negativamente afetada pela carência logística e por indefinições regulatórias na área da bioenergia, em particular sobre o Programa Nacional de Produção de Biodiesel¹⁶ [IMB (2013)]. Assim como a agricultura, as unidades sucroenergéticas e de biodiesel também se concentram na Metade Sul do estado.

¹⁵ A atividade sucroenergética goiana cresceu significativamente durante a década de 2000. Em 1990 eram dez usinas no estado, produzindo 298.605 m³ de álcool. Em 2010, eram 34 em operação produzindo 2,77 bilhões de litros de etanol, três com operações suspensas e 14 em implantação [Goiás (s.d.)].

¹⁶ O selo Combustível Social é um indicador que concede isenção de impostos para favorecer a participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Produção de Biodiesel, porém, observa-se que a produção existente até o momento não atende ao marco regulatório do programa, indicando necessidade de ajustes, notadamente quanto ao selo. Além dos ajustes necessários ao selo, o programa sofre o descompasso conjuntural entre o custo de produção do biodiesel e o preço ao consumidor do óleo diesel mineral, e a logística tem papel de destaque no custo de produção do biodiesel. A despeito desses entraves, o aumento de produtividade agrícola do biodiesel, atualmente calcada na soja, é o maior desafio. Nesse caso, as palmáceas, notadamente o dendê, representam uma oportunidade tecnicamente comprovada, mas que carece de estímulos para a adoção comercial no Centro-Oeste do Brasil.

A heterogeneidade da agricultura em Goiás é marcante. Cita-se, como exemplo da concentração, que, no ano de 2010, dez municípios¹⁷ representavam 31,1% do Valor Adicionado (VA) da agropecuária estadual. O primeiro colocado, Cristalina, na região sul, respondeu por 5,2% do VA estadual, e a atividade representou 58,6% do PIB municipal. Na agricultura de Cristalina, foram destaque o alho, o café, o feijão e o trigo, favorecidos pela oferta ambiental local e o uso intensivo de irrigação. Nos demais nove municípios (Rio Verde, Jataí, Chapadão do Céu, Ipameri, Mineiros, Luziânia, Morrinhos, Quirinópolis e Mondividiu), todos localizados na Metade Sul, predominaram as produções de algodão, aves, bovinos, cana-de-açúcar, leite, milho, suínos, soja, sorgo e, em menor proporção e localizados em Ipameri, na região sul, batata, café, alho, tomate e as florestas plantadas. Ainda merece destaque a produção de hortaliças em Luziânia no Entorno do Distrito Federal [IMB (2011a)].

Dos dez municípios com as menores participações do setor agrícola na geração da riqueza goiana, quatro (Mambaí, Teresina de Goiás, Buritinópolis e Damianópolis) estão localizados na Metade Norte, três (Valparaíso de Goiás, Novo Gama e Águas Lindas de Goiás) no Entorno do Distrito Federal e três (Anhanguera, Palmelo e Jesópolis) na Metade Sul. Enquanto a baixa participação dos municípios da Metade Sul pode ser explicada pelos tamanhos reduzidos de suas economias, populações e áreas, a questão agrícola dos municípios da Metade Norte é histórica e estrutural, principalmente por conta da infraestrutura e do empreendedorismo.

Não é por acaso que, em 2010, a Metade Sul respondeu por 77,3% do PIB agrícola de Goiás e a Metade Norte por apenas 22,7%. Nos municípios da Metade Norte, as produções que mais

¹⁷ Cristalina (5,2%), Rio Verde (4,6%), Jataí (4,5%), Chapadão do Céu (3,7%), Ipameri (3,5%), Mineiros (2,7%), Luziânia (2,0%), Morrinhos (1,8%), Quirinópolis (1,5%) e Montividiu (1,5%), em ordem decrescente, foram os dez maiores VA pela agricultura ao PIB estadual [IMB (2011a)].

contribuíram para o VA da agricultura foram o milho e a mandioca, ambos com participações superiores a 21,5%, seguidos do feijão, da pecuária bovina, do arroz, do leite e da cana-de-açúcar, todos com rendimentos abaixo da média estadual e poucos encadeamentos setoriais.

Cristalina é um bom exemplo de que na Metade Sul predomina um setor agrícola moderno e atrelado à “locomotiva do crescimento movida pela inovação”, enquanto na Metade Norte predomina um setor agrícola de baixa produtividade, com destaque às culturas de subsistência e à pecuária bovina. Ainda há a região do Entorno do Distrito Federal, onde, em grande medida, a agricultura reflete suas economias duais. Nessa região, enquanto em alguns municípios predomina uma agricultura de baixa produtividade, em outros predomina a hortifruticultura, que, apesar da característica de ser um mercado regional, busca o atrelamento à “locomotiva”, a exemplo da produção orgânica.¹⁸

TABELA 1 Rendimento (kg, fruto ou UA.ha⁻¹), área cultivada (ha), quantidade produzida (t ou mil frutos) e rebanho (animais) em Goiás e as respectivas participações (%) no Brasil em 2010

	Kg ou fruto ou UA.ha ⁻¹		T ou mil frutos		Ha	
	GO	% BR	GO	% BR	GO	% BR
Lavoura temporária	14.000	92,8	63.760.732	7,0	4.470.306	7,6
Abacaxi	22.418	89,2	52.213	3,6	2.329	3,9
Algodão herbáceo	4.108	115,6	180.404	6,1	43.909	5,3
Alho	14.721	147,7	39.247	37,7	2.666	25,5
Amendoim	2.634	95,1	1.080	0,4	410	0,4
Arroz	2.449	59,3	221.419	2,0	90.382	3,3
Batata-inglesa	40.471	156,3	274.840	7,7	6.791	4,7
Cana-de-açúcar	82.949	104,9	48.000.163	6,7	578.666	6,3

continua

¹⁸ A crescente demanda por produtos orgânicos está relacionada ao aumento da exigência dos consumidores globais em relação à qualidade dos alimentos e aos impactos da agricultura sobre o meio ambiente. No Distrito Federal, a área destinada à produção orgânica e o número de produtores cresceram mais que 35% entre 1999 a 2005, movimentando um mercado maior que US\$ 1 milhão ao ano, com, aproximadamente, 123 produtores. Cerca de 80% dessa produção é de hortaliças destinadas ao mercado regional. Nesse contexto, o Distrito Federal é referência na produção orgânica no Brasil [Castro (2005)].

continuação

	Kg ou fruto ou UA.ha-1		T ou mil frutos		Ha	
	GO	% BR	GO	% BR	GO	% BR
Cebola	70.000	281,2	84.700	4,8	1.210	1,7
Ervilha	2.800	121,7	2.576	43,6	920	35,7
Feijão	2.428	263,3	288.816	9,1	119.002	3,3
Girassol	1.461	129,1	16.674	19,3	11.410	14,7
Mandioca	16.025	114,9	339.046	1,4	21.157	1,2
Melancia	34.653	160,3	268.530	13,1	7.749	8,0
Milho	5.448	124,8	4.676.483	8,4	858.301	6,6
Soja	2.965	100,6	7.252.926	10,5	2.445.600	10,5
Sorgo	2.493	107,6	611.665	39,9	245.308	36,9
Tomate	74.702	123,5	1.369.822	33,4	18.437	27,1
Trigo	5.041	178,3	79.776	1,3	15.824	0,7
Lavoura permanente	11.000	164,1	441.492	1,0	39.792	0,6
Abacate	4.187	30,4	134	0,1	32	0,3
Banana	13.101	91,7	183.757	2,6	14.026	2,8
Borracha	2.811	157,3	9.265	4,1	3.395	2,6
Café	2.277	169,2	22.835	0,8	10.026	0,5
Coco-da-baía	11.663	169,3	15.256	0,8	1.308	0,5
Goiaba	42.466	205,8	10.277	3,2	242	1,5
Laranja	19.770	84,7	135.485	0,7	6.853	0,8
Limão	11.733	49,2	6.336	0,6	560	1,3
Mamão	24.200	44,5	3.146	0,2	130	0,4
Manga	8.586	54,3	644	0,1	75	0,1
Maracujá	16.203	109,2	14.470	1,6	893	1,4
Marmelo	8.000	173,5	80	8,3	10	4,8
Palmito	18.793	242,0	25.277	21,6	1.345	8,4
Tangerina	14.440	74,0	10.758	1,0	745	1,2
Uva	26.492	159,3	3.762	0,3	142	0,2
Animal			79.301.517	5,2		
Bovino	1	99,4	21.347.881	10,2		
Suíno			2.046.727	5,3		
Aves			55.156.362	4,4		

Fonte: IBGE (s.d.).

A pecuária bovina é um dos principais exemplos da heterogeneidade espacial da agricultura goiana, pois, apesar dos ganhos de produtividade e de Goiás ser o quarto maior produtor de

bovinos do país, sua produtividade média é inferior à nacional, e 27% das pastagens estão em avançado estágio de degradação [Abdon *et al.* (2009)]. Ou seja, promover o transbordamento espacial da moderna agricultura em direção à Metade Norte e dentro do Entorno do Distrito Federal é fundamental para o futuro agrícola de Goiás.

Por princípio e considerando: (i) que a trajetória da agricultura goiana foi marcada pela expansão da área agrícola;¹⁹ (ii) que essa dinâmica está comprometida no futuro, havendo no máximo 2 milhões de hectares a serem incorporados;²⁰ e (iii) a predominância de pastagens degradadas convivendo com uma agricultura altamente produtiva e tecnificada, pode-se inferir que o avanço da agricultura em Goiás depende da: (i) incorporação das áreas de pastagens degradadas à produção agrícola; (ii) recuperação das pastagens degradadas para suportar a pecuária existente; e (iii) aceleração dos ganhos de produtividade via tecnologia.

Em princípio, o transbordamento espacial da agricultura existente na Metade Sul é uma tarefa fácil, dependendo apenas de investimento e logística na Metade Norte sobre a base tecnológica disponível em Goiás, mas os detalhes sugerem que essa tarefa não é trivial. A primeira limitação ao transbordamento espacial diz respeito à oferta ambiental, pois a tecnologia disponível na Metade Sul tem limitações à oferta ambiental da Metade Norte. Essa limitação não é um problema maior, pois pode ser mitigada tanto pela tecnologia quanto pela diversificação da produção, incluindo atividades como a piscicultura, a bioenergia (dendê e gramíneas), florestas e os hortifrúti, além das carnes. Ou seja, o futuro agrícola de Goiás, além de incorporar tecnologia no sentido dos ganhos de produtividade, depende da diversificação de sua produção agrícola.

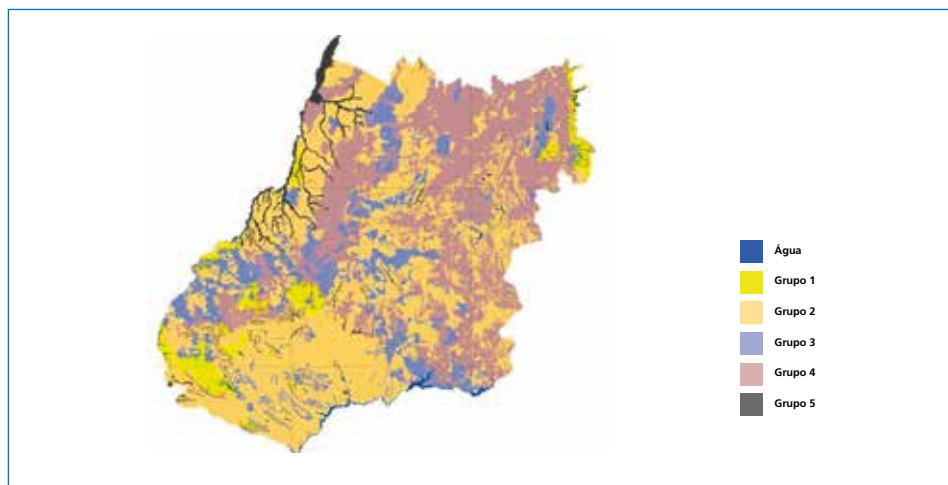
¹⁹ Enquanto a área colhida de lavouras temporárias e permanentes aumentou 2,9% a.a. entre 1990 e 2010, a produtividade aumentou 3,6% a.a. [IBGE (s.d.)].

²⁰ A oferta ambiental (Figura 2) e a antropização do espaço goiano sugerem que há, no máximo, 2 milhões de hectares a serem ocupados pela agricultura, incluindo áreas marginais que requerem técnicas específicas para mitigação do risco de produção.

Um exemplo da diversificação produtiva é a aquicultura,²¹ que, apesar de ainda insipiente em Goiás, representa uma oportunidade. Essa atividade, de mercado global, faz uso intensivo dos fatores de produção, principalmente da terra, requer mão de obra e logística qualificadas e gera encadeamentos com a indústria de insumos e de transformação, ou seja, a piscicultura gera importantes transbordamentos setoriais, sendo esta outra importante vertente para o sucesso da agricultura goiana.

FIGURA 2 Mapas goianos de: classificação hidrológica dos solos e frequência de períodos de estiagem com mais de seis dias

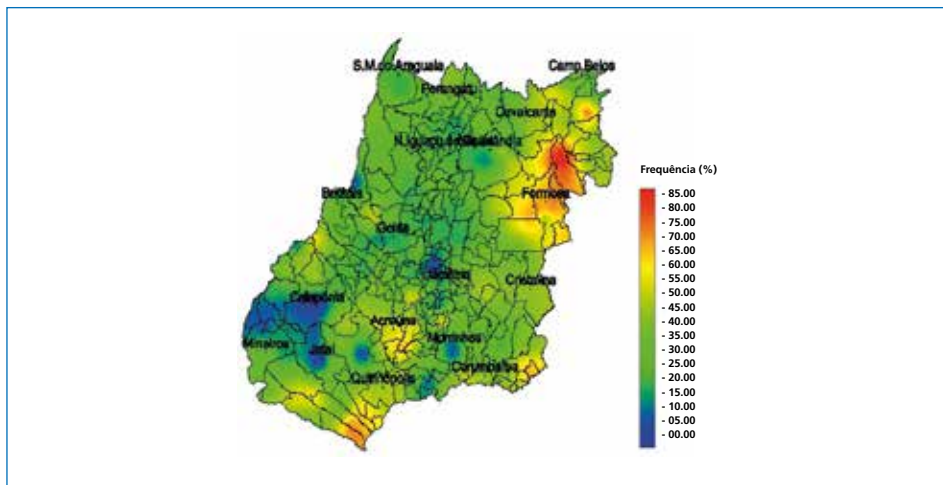
FIGURA 2A Classificação hidrológica



Fonte: Fiori, Campos e Almeida (2010).

²¹ A aquicultura é uma oportunidade pouco explorada para um país como o Brasil, que dispõe de extensa costa, além de possuir a maior reserva de água doce do mundo. A demanda mundial por pescados vem crescendo de forma acelerada em decorrência do aumento populacional e da busca por alimentos mais saudáveis. Entre 2004 e 2009, o crescimento do consumo mundial de pescados foi da ordem de 13%, porém, a participação do Brasil é inexpressiva. As grandes empresas nacionais de proteínas vêm diversificando seu portfólio, mas poucas produzem pescados, uma oportunidade para aproveitar a marca, os canais de distribuição e reduzir os custos. Na indústria de pescados, escala é um fator determinante, desde a produção até o potencial mercado consumidor. A escala deve contribuir para maior verticalização da cadeia, viabilizando economicamente farinheiras e até fábricas de ração e produção de alevinos. A verticalização é importante para melhorar a rastreabilidade e a qualidade do produto e para reduzir custos e agregar valor. Economias de escopo também são importantes nessa indústria [Sidonio *et al.* (2012)].

FIGURA 2B Frequência de estiagem



Fonte: Agritempo (s.d.).

No sentido dos transbordamentos setoriais, além da produção, o setor agrícola goiano é destaque no cenário nacional por abastecer porção significativa da indústria do estado, em especial as de carnes, derivados do leite e de soja, molhos e condimentos, além da agroenergia. Esse fato, conjugado ao uso intenso de tecnologias e ao empreendedorismo do produtor, possibilita à agricultura goiana de alguns municípios, a exemplo de Rio Verde, ganhos superiores à média nacional.

Do exposto, conclui-se que o futuro da agricultura goiana depende de: (i) ganhos de produtividade calcados em avanços tecnológicos; (ii) diversificação de sua produção agrícola; (iii) transbordamentos setoriais; e (iv) transbordamentos espaciais em direção à Metade Norte e para a homogeneização no Entorno do Distrito Federal.

Os três primeiros desafios não são impossíveis para Goiás. Um exemplo é que na última década o setor agrícola aumentou sua participação no VA do estado e do Brasil representando 14,1% e 7,0%, respectivamente, em 2010. Outra mostra da importân-

cia da agricultura goiana foi o município de Cristalina, que, em 2010, teve o maior valor adicionado da agricultura brasileira (R\$ 624,13 milhões), seguido por Rio Verde, Jataí, Chapadão do Céu e Ipameri, nas quinta, sexta, nona e décima posições, respectivamente. Ou seja, a agricultura na Metade Sul de Goiás é bastante diversificada e, principalmente, integrada às indústrias de alimentos e de transformação. Como consequência, essa agricultura é integrada aos mercados globais, e o setor agrícola é o centro dinâmico da economia que, integrado ao setor industrial, fomenta o setor de serviços. Nessa região, considerando algumas particularidades dos mercados agrícolas, a dinâmica econômica atual é suficiente para garantir o futuro agrícola.

Já na Metade Norte, onde predominam atividades de baixo valor agregado, com destaque à pecuária bovina e às culturas de subsistência, com baixa produtividade e poucos encadeamentos, o crescimento da agricultura em bases semelhantes à da Metade Sul, a princípio, é prejudicado pela oferta ambiental (Figura 2), mas o grande entrave é a superestrutura. Já no Entorno do Distrito Federal, onde a heterogeneidade da agricultura é grande, a hortifruticultura e a produção de orgânicos são promissoras, tanto pela proximidade de grandes centros consumidores quanto pela tecnologia desenvolvida para aquelas condições e pela logística disponível, o que possibilita a expansão de mercados, porém, os transbordamentos espaciais também são limitados pela superestrutura. Nesse caso, a característica de uma economia dual sugere que a situação é mais grave do que na Metade Norte.

Em resumo, a questão central para o desenvolvimento da agricultura em Goiás não é a oferta ambiental ou a logística: ambas são superáveis. O principal entrave é a superestrutura dos espaços onde a agricultura é mais deprimida, notadamente a mão de obra e o empreendedorismo da população, os quais são afetados pela infraestrutura de educação, saúde e saneamento.

A INDÚSTRIA

O tópico anterior destacou a importância da indústria como transbordamento do setor agrícola, porém, a indústria goiana é bem mais diversificada, incluindo a mineração,²² os equipamentos de precisão, a farmoquímica, a metalurgia, as máquinas e equipamentos, os veículos automotores, os móveis e o vestuário, além da construção civil e da produção e distribuição de energia e água (Tabela 2).

A indústria de processamento agrícola, que passou por um forte crescimento, modernização e aumento da integração com a agricultura, continua ocupando a liderança, mas com queda na participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) entre 2002 e 2010. A indústria tradicional (confeção e móveis, entre outros), que também apresentou redução no mesmo período (30,3%), continua tendo um papel importante na geração de empregos, respondendo por quase 20% dos postos de trabalho da indústria goiana.

Apesar da importância da indústria agrícola e da indústria tradicional, a base industrial de Goiás está mudando radicalmente. A metalomecânica, quase inexistente até o fim da década de 1990, respondeu por mais de 14% do VTI em 2010. Esse crescimento foi liderado pelo setor automotivo, que individualmente responde por mais da metade dessa participação. A indústria química e farmacêutica, que também tinha uma participação inexpressiva até o fim da década de 1990, representou mais de 10% do VTI do estado em 2010.

As mudanças não ficam restritas à incorporação de novas indústrias. A mineração, segmento tradicional, recebeu investimentos relevantes, verticalizou a produção e aumentou fortemente

²² A mineração é destaque em Alto Horizonte, Barro Alto, Crixás, Guarinos, Niquelândia e Pilar de Goiás, nas regiões norte e central, além de Catalão e Ouidor na região sul. O complexo mineral instalado em Goiás põe o estado como destaque nacional na produção de vários minérios, como a primeira colocação em níquel, vermiculita, amianto e cobre, e a segunda em ouro, nióbio e fosfato [IMB (2013)].

sua participação na riqueza goiana (5,8% a.a. entre 2002 e 2010), com alguns transbordamentos setoriais importantes. Ainda, a indústria de geração e distribuição de energia (2,6% a.a. entre 2002 e 2010) também passou por expansão, seja no aumento da distribuição, com a elevação do consumo de energia, seja no aumento da geração com início de operação da hidrelétrica de Cana Brava, no norte do estado, e de várias pequenas hidrelétricas. A atividade da construção civil, grande empregadora de mão de obra, estimulada pela expansão na renda dos goianos e elevação do crédito disponível, teve notável crescimento (5,6% a.a. entre 2002 e 2010) tanto na geração da renda quanto no pessoal ocupado, respondendo por 15,6% do emprego estadual [IMB (2013)].

A diversificação da indústria goiana é uma realidade com consequências positivas para o estado, pois ocorreu no sentido da “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação tecnológica”, com transbordamentos importantes para o setor de serviços. Porém, a despeito da diversificação, especialmente, a indústria goiana é bastante heterogênea, com predominância na Metade Sul, que respondeu por 85,4% do PIB industrial de Goiás no ano de 2010 (Figura 3). Um exemplo dessa heterogeneidade espacial é que a diferença entre o maior (Goiânia, com R\$ 19.528,46 por habitante) e o menor (Perolândia, com R\$ 4,21 por habitante) PIB industrial *per capita* municipal é superior a 4.600 vezes [IBGE (s.d.)].

Outro exemplo da heterogeneidade espacial da indústria goiana é que, dos dez municípios com os maiores PIB *per capita* industrial, sete (Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Itumbiara, Trindade, Catalão e Rio Verde) estão na Metade Sul, dois (Luziânia e Águas Lindas de Goiás) no Entorno do Distrito Federal e apenas um (Minaçu) está localizado na Metade Norte (Figura 3). Essa realidade confirma que a Metade Sul é mais rica industrialmente; porém, oito dos dez municípios com os menores PIB *per capita* industrial também estão na Metade Sul (Perolândia, Ananguera, Moiporá, São João da Paraúna, Santa

Cruz de Goiás, Gameleira de Goiás, Ivolândia e Aparecida do Rio Doce) e apenas dois (São Patrício e Guarinos) na Metade Norte.

Assim como o PIB *per capita*, o PIB *per capita* industrial dos municípios goianos em 2010 também configuram três espaços: (i) a Metade Sul rica (PIB industrial *per capita* médio de R\$ 564,81) e mais heterogênea (desvio-padrão do PIB industrial *per capita* de R\$ 2.046,13); (ii) a Metade Norte menos rica (PIB industrial *per capita* médio de R\$ 195,51) e menos heterogênea (desvio-padrão do PIB industrial *per capita* de R\$ 405,91); e (iii) o Entorno do Distrito Federal mais rico (PIB industrial *per capita* médio de R\$ 1.496,46) e heterogêneo (desvio-padrão do PIB industrial *per capita* de R\$ 1.480,44).

A realidade da indústria na Metade Sul indica que, apesar de mais próspera industrialmente, ela é mais heterogênea do que a Metade Norte e que o Entorno do Distrito Federal. A Metade Norte, apesar de menos rica, é mais homogênea, o que é característico de uma região pouco industrializada. Já a região do Entorno do Distrito Federal, a mais rica industrialmente, contrariando a expectativa, é menos heterogênea do que a Metade Sul, resultado que pode ser atribuído ao menor número de municípios quando comparado à Metade Sul.

A distribuição espacial da riqueza industrial em Goiás sugere que, além da distribuição espacial, a indústria goiana carece de melhor qualificação. Nesse caso, na região sudoeste, a indústria é um transbordamento do setor agrícola com predominância da indústria de alimentos e processamento de produtos agrícolas, incluindo a indústria sucroenergética, além de calcário e fertilizante, defensivos agrícolas, celulose, papel e embalagens e produtos de madeira.

A região sul, apesar da predominância da mineração e da indústria mecânica (máquinas e equipamentos e veículos automotores), conta com a presença das indústrias processadoras de soja, algodão e milho, cana-de-açúcar (etanol, eletricidade

e açúcar), beneficiamento de sementes e fertilizantes, além da geração de energia elétrica em São Simão [IMB (2011b)].

Na Região Metropolitana de Goiânia, também na Metade Sul, que ocupou a primeira posição no PIB industrial em 2010, é destaque a construção civil, seguida por aparelhos de precisão, alimentos, borracha e material plástico, distribuição de energia elétrica, embalagens, químicos e medicamentos. Ainda nessa região, Anápolis implementou uma infraestrutura (Distrito Agroindustrial de Anápolis, o Porto Seco Centro-Oeste e o Polo Farmacêutico)²³ que viabilizou um arranjo diferente das demais regiões, consolidando complexos industriais com uma produção bastante diversificada [IMB (2011b)].

Na Metade Norte, a participação da indústria na geração de riqueza é insipiente (Figura 3), com exceção de Barro Alto, Crixás, Guarinos, Minaçu, Niquelândia e Pilar de Goiás, onde a mineração é relevante, Cavalcante, com a geração de energia elétrica, Alto Horizonte com o beneficiamento de sulfeto de cobre, Mozarlândia, Goianésia e Pirenópolis com frigoríficos bovinos. Importante observar que, além da baixa geração de riqueza, as indústrias instaladas na Metade Norte têm menor capacidade em gerar transbordamentos setoriais e espaciais do que as indústrias da Metade Sul.

No Entorno do Distrito Federal predominam a indústria extrativa mineral, a exemplo de manganês, calcário, argila e água mineral nos municípios de Luziânia, Planaltina, Formosa e Alexânia, respectivamente. Além da indústria mineral a indústria moveleira, de confecções, de cerâmica, da construção civil, de transformação agrícola, a exemplo do processamento de grãos e produção de alimentos, e a indústria de utilidade pública, com

²³ Em 2000, foi inaugurado em Anápolis o Polo Farmoquímicos dedicado à produção de matérias-primas para a indústria de medicamentos. Os novos laboratórios se somaram aos oito laboratórios farmacêuticos já instalados no Distrito Agroindustrial de Anápolis. Também há crescimento desse setor em Valparaíso de Goiás, próximo a Brasília. A expansão do setor está ligada à aprovação da Lei dos Medicamentos Genéricos, que abriu para os laboratórios a perspectiva de ampliar a participação no mercado interno [Ribeiro e Rodrigues (2013)].

destaque para a distribuição de energia elétrica, foram destaques nos municípios de Luziânia (PIB *per capita* industrial de R\$ 5.540,34), Águas Lindas de Goiás (PIB *per capita* industrial de R\$ 2.720,15), Formosa (PIB *per capita* industrial de R\$ 1.837,25) e Valparaíso de Goiás (PIB *per capita* industrial de R\$ 1.725,69).

A base industrial já construída e os investimentos realizados sugerem que a expansão industrial em Goiás continuará nos próximos anos, porém, ela pode ser estrangulada, caso não haja o aprimoramento nas políticas: (i) industrial, no sentido de assegurar o desenvolvimento industrial e de comércio exterior com ênfase em micro, pequena e médias empresas; (ii) de mão de obra, no sentido de assegurar a disponibilidade de mão de obra qualificada por meio da educação e da melhoria das relações de trabalho; (iii) de infraestrutura, aprimorando a estrutura logística em curso, além de aumentar a oferta de habitação, transporte público e saneamento e garantir o suprimento de energia e de serviços de comunicação; e (iv) de gestão, com ênfase na redução da informalidade, na segurança jurídica e em um sistema de defesa sanitária eficaz.

As medidas citadas, entre outras, garantirão o futuro da indústria goiana no sentido do crescimento e da diversificação, com transbordamentos para o setor de serviços, porém, elas são insuficientes no sentido do transbordamento espacial em direção à Metade Norte. A questão é que, assim como a agricultura, a indústria goiana atrelada à “locomotiva” está concentrada na Metade Sul e no Entorno do Distrito Federal, reforçando a disparidade entre as porções sul e norte de Goiás. A exceção na Metade Norte é a mineração e a carne bovina, porém, elas geram poucos transbordamentos. Ou seja, assim como agricultura, a indústria privilegia a Metade Sul, fato explicado pela superestrutura lá desenvolvida, o que, conforme será discutido a seguir, tem consequências sobre o setor de serviços.

TABELA 2 Valor bruto da produção industrial (R\$ 1.000,00) em Goiás no ano de 2010 e as respectivas participações nacionais

	GO	% BR
Total	45.726.822	2,5
Indústrias extrativas	2.282.964	2,7
Extração de minerais metálicos	1.170.700	1,8
Indústrias de transformação	43.443.858	2,5
Produtos alimentícios	22.497.950	7,2
Bebidas	1.426.295	3,0
Produtos do fumo	2.334	0,0
Produtos têxteis	201.285	0,6
Vestuário e acessórios	986.490	3,0
Couros e artefatos de couro	221.030	0,9
Produtos de madeira	119.790	0,7
Celulose, papel e produtos de papel	741.073	1,4
Impressão e reprodução de gravações	137.677	0,9
Coque de derivados do petróleo e de biocombustíveis	3.168.985	1,9
Produtos químicos	2.572.942	1,7
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	1.244.895	4,2
Produtos de borracha e de material plástico	977.871	1,4
Produtos de minerais não metálicos	1.356.063	2,3
Metalurgia	1.300.857	1,0
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1.133.561	1,8
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	25.209	0,0
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	29.837	0,1
Máquinas e equipamentos	966.189	1,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	3.522.660	1,6
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	11.954	0,0
Móveis	460.627	2,0
Produtos diversos	200.741	1,4
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	137.543	1,0

Fonte: IBGE (s.d.).

OS SERVIÇOS

A ampliação da renda e a industrialização de Goiás, combinados com a conseqüente urbanização²⁴ e crescimento da classe

²⁴ Enquanto a população total de Goiás cresceu 2,1% a.a. entre 1991 e 2010, passando de 4.018.903 para 6.003.788 habitantes, a população urbana cresceu 2,8% a.a. no mesmo período [IBGE (s.d.)].

média,²⁵ desencadearam uma mudança no perfil do estado em direção ao setor de serviços, o qual aumentou sua participação no PIB estadual em cerca de 6% a.a. entre 2000 e 2010. A despeito desse crescimento e como consequência dos setores agrícola e industrial, o setor de serviços em Goiás também é bastante heterogêneo, tanto espacial quanto estruturalmente.

Um exemplo da heterogeneidade espacial dos serviços goianos (Figura 3) é que, enquanto o PIB *per capita* dos serviços em Valparaíso de Goiás foi de R\$ 489.886,00 no ano de 2010, o de Perolândia foi R\$ 25,63. Outro exemplo é que, em 2010, a Metade Sul representou 83,1% do PIB Serviços de Goiás enquanto a Metade Norte contribuiu com 8,7% e o Entorno do Distrito Federal com 8,3% [IMB (2013)]. Dos dez municípios com maior PIB *per capita* no setor de serviços em 2010, quatro estão localizados na Metade Sul (Goiânia, Anápolis, Senador Canedo e Aparecida de Goiânia), quatro no Entorno do Distrito Federal (Valparaíso de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Novo Gama e Águas Lindas de Goiás) e apenas dois na Metade Norte (Ceres e Alto Horizonte). Importante observar que Alto Horizonte é uma exceção por se tratar de um município pequeno que sedia uma indústria com produto de alto valor.

Não obstante a predominância da Metade Sul, dos dez municípios com menor PIB *per capita* no setor de serviços em 2010, sete estão localizados na Metade Sul (Perolândia, Porteirão, Santa Cruz de Goiás, Chapadão do Céu, Gameleira de Goiás, Campo Alegre de Goiás e Serranópolis), dois na Metade Norte (Água Fria de Goiás e Vila Propício) e um no Entorno do Distrito Federal (Cabeceiras).

Essa realidade sobre o setor de serviços em grande medida reflete as dinâmicas agrícola e industrial, ou seja: (i) a Metade Sul rica (PIB serviços *per capita* médio de R\$ 1.216,36) e hetero-

²⁵ Em 1013, a classe média (C, D e E) goiana chegou a 3,8 milhões de pessoas, o que representa 61% da população. Em 2013, o consumo dessa classe média foi de R\$ 39,7 bilhões, 5,5% a mais que em 2012 [CBN Goiânia (2014)].

gênea (desvio-padrão do PIB serviços *per capita* de R\$ 6.683,80); (ii) a Metade Norte menos rica (PIB serviços *per capita* médio de R\$ 292,84) e menos heterogênea (desvio-padrão do PIB serviços *per capita* de R\$ 383,22); e (iii) o Entorno do Distrito Federal mais rico (PIB serviços *per capita* médio de R\$ 44.379,99) e mais heterogêneo (desvio-padrão do PIB serviços *per capita* de R\$ 140.462,71). Importante observar que a maior heterogeneidade está no Entorno do Distrito Federal, o que reforça a hipótese de uma economia dual nesse espaço e, portanto, a necessidade de melhor qualificação do setor de serviços goiano.

Em 2010, o comércio foi o destaque do setor de serviços em Goiás, seguido pela administração pública e outros serviços. Com menor participação, vieram as atividades imobiliárias, a intermediação financeira, os serviços públicos e os transportes e armazenagem (Tabela 3). Outro indicador da importância do comércio é que, dos empregos gerados entre 1996 e 2010, em média, os serviços absorveram 31%, o comércio 22%, a indústria de transformação 21%, a construção civil 14% e a agropecuária 10% [IMB (2013)].

TABELA 3 Valor adicionado bruto a preços básicos (R\$ 1.000,00) em Goiás no ano de 2010 e as respectivas participações nacionais

	Goiás	% GO	% BR
Total	53.973,13	100,00	2,39
Administração pública*	11.816,20	21,89	2,26
Atividades imobiliárias	6.632,59	12,29	2,62
Comércio	11.938,66	22,12	2,96
Intermediação financeira**	4.277,18	7,92	1,76
Outros serviços	10.147,24	18,80	2,20
Serviços públicos***	3.692,43	6,84	3,55
Serviços de informação	2.045,36	3,79	1,97
Transportes, armazenagem e correio	3.423,47	6,34	2,11

Fonte: IBGE (2014).

* Inclui saúde e educação públicas e seguridade social.

** Inclui seguros, previdência complementar e demais serviços relacionados.

*** Produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana.

Os destaques de crescimento entre os anos de 2000 e 2010 foram o comércio (133,3%) e a intermediação financeira (119,3%), além dos transportes, armazenagem e correio (105,1%), com crescimento mais modesto. O crescimento dessas atividades, que geram riqueza e dinamizam a economia, sugere a modernização da economia goiana em direção ao comércio e à logística. Por outro lado, o baixo crescimento dos serviços de informação (55,2%) e dos serviços públicos (72,5%), serviços também associados a economias modernas com demanda crescente em energia, sugere que o desenvolvimento do setor de serviços em Goiás é bastante heterogêneo. Essa hipótese da heterogeneidade é reforçada pelo crescimento significativo dos outros serviços²⁶ (109,7%), classe bastante heterogênea, e dos serviços de administração pública (107,0%), classe relacionada com as despesas públicas e, portanto, típica de economias pouco dinâmicas.

A compreensão da heterogeneidade espacial e setorial do setor de serviços em Goiás não é tão simples como da agricultura e da indústria. Alguns exemplos, como Goiânia, que ocupou a primeira posição no PIB serviços do estado (Figura 3), e alguns municípios com participação expressiva no PIB serviços, como Catalão (2,9%), Itumbiara (2,4%), Luziânia (2,0%), Jataí (1,8%) e Valparaíso de Goiás (1,3%), são elucidativos dos transbordamentos intersetoriais [IMB (2011a)].

A liderança da Região Metropolitana de Goiânia é justificada pela concentração populacional, o que demanda um grande aparato de serviços, além de a capital abrigar vários órgãos públicos e o comércio de combustíveis, produtos agrícolas, medicamentos, materiais para uso médico e cirúrgico e alimentos. Além disso, Anápolis, onde estão localizados o segundo polo

²⁶ A categoria outros serviços é heterogênea, pois, tanto pode considerar os chamados serviços empresariais (saúde, educação e serviços especializados, entre outros) como os serviços de baixa qualificação (serviços domésticos) e, principalmente, os serviços informais [De Negri e Kubota (2006)].

atacadista do estado, uma base da aeronáutica e uma estrutura logística complexa destinada à armazenagem e à movimentação de mercadorias para o comércio exterior, também contribui para o destaque da Região Metropolitana de Goiânia.

Catalão, Itumbiara e Jataí, nas regiões sudeste, sul e sudoeste, respectivamente, são exemplos dos transbordamentos provocados pelos setores agrícola e industrial ao setor de serviços. Nessas regiões, além do comércio, que tem participação superior a 40% no PIB serviços, predominam as atividades imobiliárias, intermediação financeira, serviços públicos com destaque para a distribuição de energia, transportes, armazenagem e correio e outros serviços, com destaque para serviços especializados, educação e saúde.

No Entorno do Distrito Federal (Luziânia e Valparaíso de Goiás), apesar da predominância do comércio/logística e da participação expressiva das atividades imobiliárias, as quais sugerem uma economia moderna e dinâmica, o setor de serviços é uma exceção à economia goiana por ser um transbordamento da economia do Distrito Federal. Essa economia sofre grande influência da administração pública, uma base que não contribui com a “locomotiva do crescimento movida pela inovação tecnológica”, além de ser pródiga por sua heterogeneidade social, fato que restringe o crescimento da classe média, o que também prejudica a “locomotiva”. Um exemplo dessa dualidade é a convivência do comércio, uma atividade atrelada à “locomotiva”, com os outros serviços com predominância de serviços de baixa qualificação em detrimento dos chamados serviços empresariais [Nascimento (2013)].

Já na Metade Norte, o setor de serviços está calcado na mineração, na geração de energia elétrica e na construção da Ferrovia Norte-Sul, o que gera a concentração espacial desse setor. São exemplos os municípios de Alto Horizonte, Cavalcante, Crixás, Goianésia, Guarinos, Minaçu, Mozarlândia, Niquelândia, Pilar de Goiás e Pirenópolis, que, apesar de terem participação

significativa da agricultura, da indústria e dos serviços em sua riqueza, a participação da administração pública e dos impostos em sua economia é expressiva, o que prejudica o dinamismo econômico dessas regiões (Figura 3).

A configuração espacial do setor de serviços em Goiás reitera a tese da existência de três regiões distintas: (i) a Metade Sul atrelada à “locomotiva”; (ii) a Metade Norte na busca do atrelamento e com alguns espaços distantes desse atrelamento e dependentes de recursos públicos; e (iii) o Entorno do Distrito Federal, com uma economia dual. Essa configuração sugere que, com exceção do Entorno, onde as questões são mais complexas, o dinamismo da Metade Sul transbordará para a Metade Norte, garantindo assim um futuro promissor para Goiás. Essa afirmação é simplista, pois, o transbordamento espacial não é trivial, conforme discutido a seguir.

FIGURA 3 PIB *per capita* agrícola, industrial, serviços e do setor público dos municípios goianos no ano de 2010

FIGURA 3A Agrícola

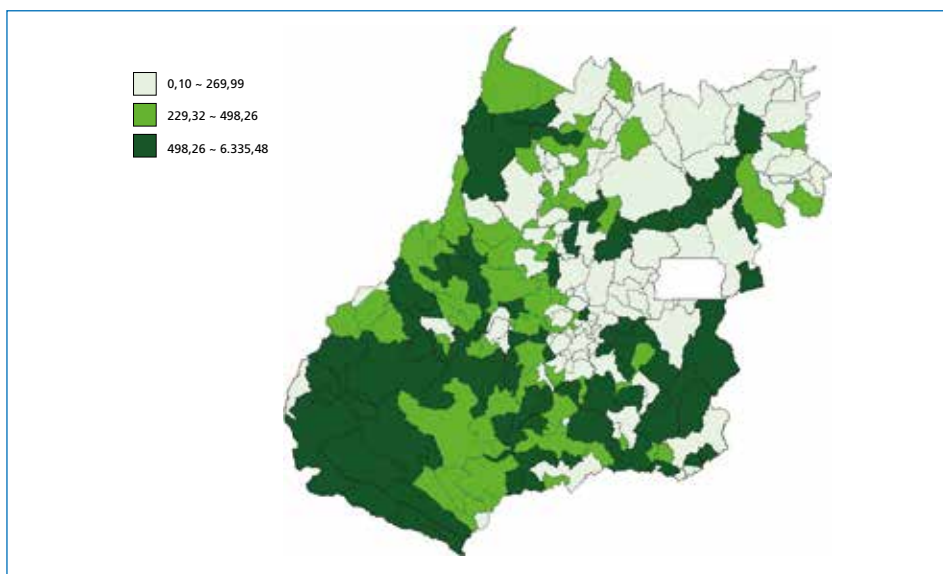


FIGURA 3B Indústria

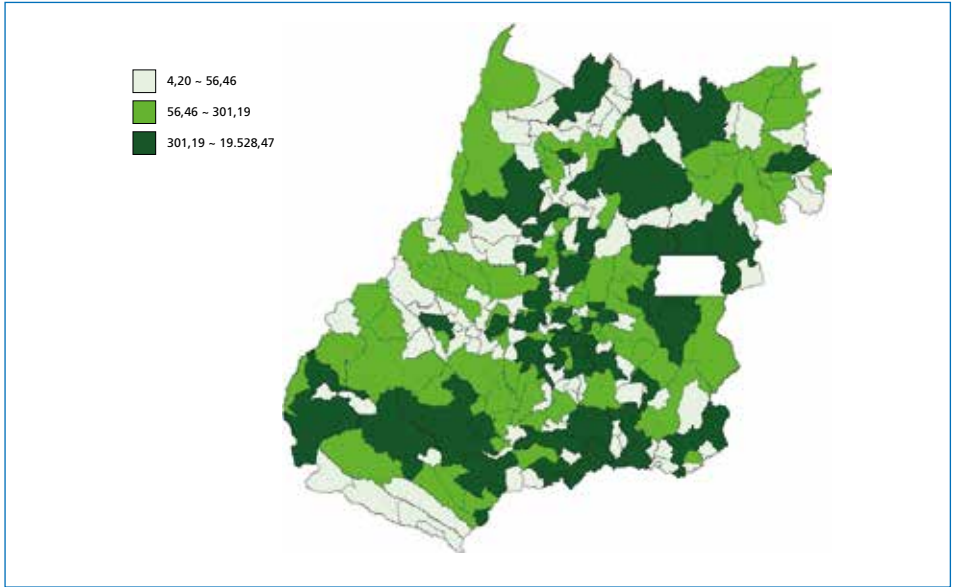


FIGURA 3C Serviços

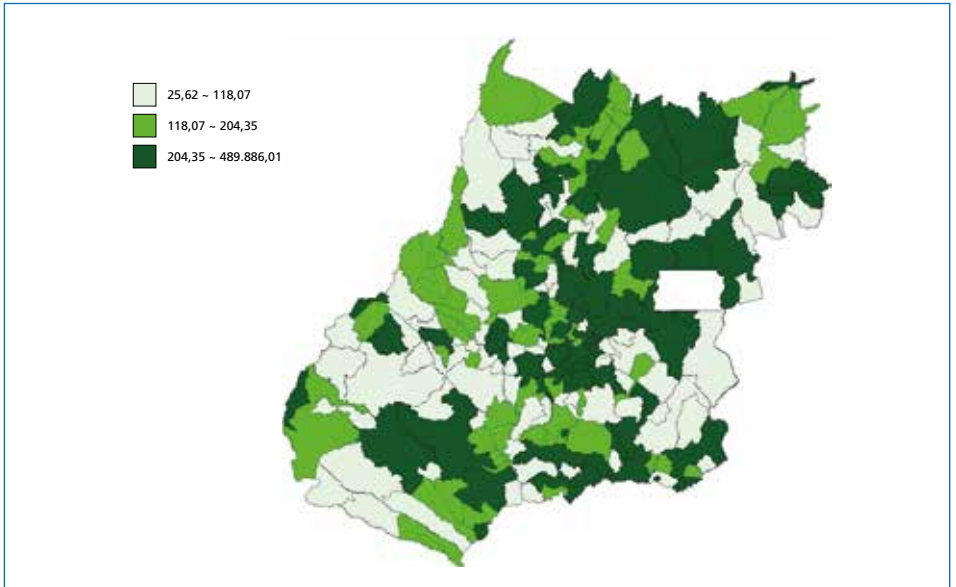
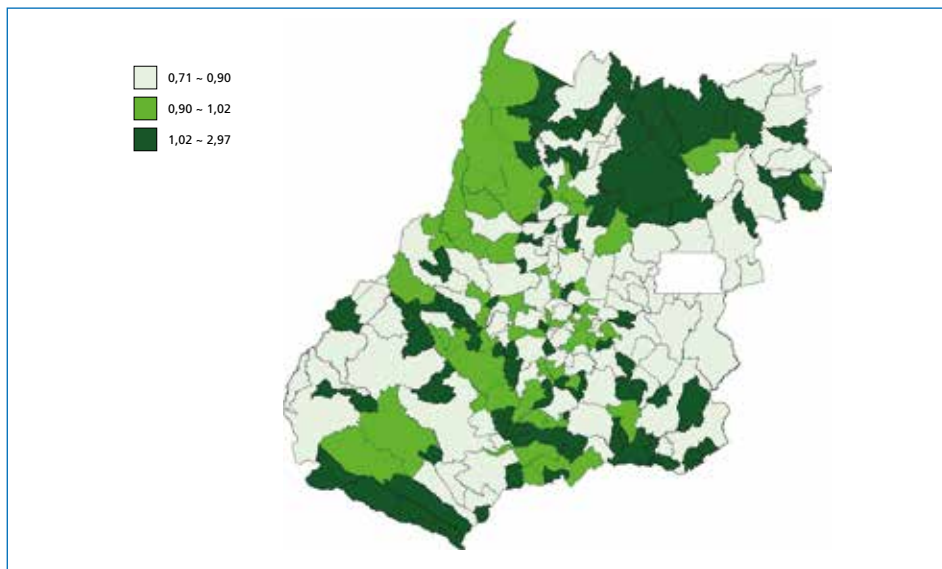


FIGURA 3D Público



Fonte: Elaboração própria, com base em dados de IBGE (s.d.).

O FUTURO

A dinâmica populacional, associada à dinâmica econômica, teve impactos positivos para o desenvolvimento estadual, porém, alguns trabalhos citados por Vieira Junior, Vieira e Buainain (2006) e Correa e Figueiredo (2006) indicam que a prosperidade de Goiás não tem contribuído para aliviar os índices de desigualdade. São exemplos da desigualdade o saneamento²⁷ e a estrutura fundiária,²⁸ os quais coincidem com a concentração espacial da pobreza e são reforçados pela superestrutura precária em alguns espaços goianos, a exemplo da dicotomia entre os espaços urbano e rural.

²⁷ Apesar de ser a 11ª renda *per capita* nacional, o número de domicílios com abastecimento de água e esgotos e serviços de coleta de lixo está abaixo da média nacional [IBGE (s.d.)].

²⁸ Em Goiás, as grandes propriedades rurais (mais de mil hectares) representam apenas 4,9% dos estabelecimentos agrários e ocupam 47,1% do território goiano, enquanto as pequenas propriedades (até cem hectares) correspondem a 60,5% do total de propriedades ocupando apenas 9,2% do território [IBGE (s.d.)].

A dinâmica goiana teve impactos positivos sobre a economia, porém também teve impactos negativos, como o confinamento da pobreza em espaços onde a “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação tecnológica” sequer chegou. Ressalta-se que, com algumas exceções, como a Região Metropolitana de Goiânia e o Entorno do Distrito Federal, não se tratou de um crescimento dual²⁹ onde o progresso se apoia nas regiões deprimidas. A questão foi que alguns espaços que dispunham de superestrutura adequada (sudoeste, sul, sudeste, Região Metropolitana de Goiânia e Entorno do Distrito Federal) se atrelaram à “locomotiva” da economia global, enquanto outros (nordeste) permaneceram à margem. Outros ainda (centro, oeste, norte e noroeste) atrelaram-se à “locomotiva” em um período mais recente, embarcando em vários “vagões”, com destaque às obras de infraestrutura (BR-153 e Ferrovia Norte-Sul), que reforçarão a tradição goiana do comércio, da logística, da mineração e da agricultura.

Uma primeira conclusão, demasiadamente simplista, indica que a trajetória goiana está correta e que a questão central são os transbordamentos setoriais e espaciais: (i) o primeiro no sentido de garantir o crescimento; e (ii) o segundo no sentido de homogeneizar o espaço goiano retroalimentando o primeiro. Na verdade, Goiás precisa incorporar novos vetores de desenvolvimento para manter e ampliar os ganhos obtidos, além de difundir a dinamização de forma mais homogênea em todo o território estadual.

Nesse sentido, amadurecem mudanças no perfil econômico e social que sinalizam para um novo modelo. Goiás começa a ex-

²⁹ Essa teoria do desenvolvimento, nascida nos idos de 1940, inicialmente foi caracterizada pela oferta ilimitada de mão de obra e, mais tarde, entre outras questões, foram incorporadas as questões da difusão tecnológica e da demanda insuficiente, ambas alicerçadas na hipótese do consumo conspicuo das minorias de renda mais alta. De modo geral, essas teorias pressupõem que o desenvolvimento de um espaço se dá em detrimento de outro espaço que, por não se desenvolver, comparativamente acaba regredindo [Bastos e D’Ávila (2009); Nascimento (2013)].

perimentar um movimento de transição de suas atividades tradicionais (mineração, comércio, logística, expansão da fronteira agrícola e consolidação da moderna agricultura centrada em *commodities*) para atividades com diversificação produtiva, alta tecnologia e aproveitamento sustentável dos recursos naturais. Nesse caso, as questões contemporâneas relacionadas ao meio ambiente geram uma gama de oportunidades calcadas em uma economia cada vez mais verde,³⁰ que, associadas à disponibilidade de recursos naturais, abrem oportunidades, para o setor agrícola, como: (i) reflorestamento de áreas degradadas atreladas ao mercado de carbono; (ii) aproveitamento da biodiversidade para produção de fármacos, cosméticos e essências, entre outros produtos; (iii) produção de biocombustíveis; e (iv) produções agrícolas mais intensivas e com cadeias de valor maiores a exemplo de hortaliças e fruticultura.

³⁰ Nos últimos anos, o conceito de economia verde vem ganhando força como um novo paradigma econômico, no qual a riqueza material da sociedade não é forçosamente obtida à custa de aumento dos riscos ambientais, da escassez de recursos e das disparidades sociais. A transição implica desafios e oportunidades em setores como: energia, indústria de transformação, transporte, resíduos, construção e turismo. Nos três primeiros, as maiores oportunidades são para a produção de riqueza usando menos recursos materiais e energia. No caso da indústria de transformação, o “enverdecimento” é essencial para qualquer esforço a fim de dissociar as pressões ambientais e o crescimento econômico. A atividade manufatureira verde difere-se da convencional na medida em que se propõe a reduzir a quantidade de recursos naturais necessários para produzir bens acabados por meio de processos mais eficientes de uso de energia e materiais, reduzindo também as externalidades negativas da produção associadas aos resíduos e à poluição. Assim, surge uma ampla gama possibilidades para investimento e inovação verde na indústria de transformação, incluindo desde o design e desenvolvimento de produtos até a substituição de materiais e energia. Uma estratégia da oferta envolve redesenho e melhoria da eficiência dos processos empregados nos principais subsetores da indústria de transformação intensivos em materiais provenientes do meio ambiente. Já a estratégia da demanda envolve a alteração da composição da demanda tanto da indústria como do consumidor final, ou seja, priorizar o uso de bens finais que incorporem materiais e energia com muito mais eficiência e/ou de produtos de design que exijam menos material em sua fabricação. Todos os diferentes ramos da indústria de transformação têm potencial significativo de melhoria da eficiência energética ainda que em grau variável e com várias necessidades de investimento. Estimativas indicam que os investimentos em eficiência energética durante as próximas décadas poderiam reduzir o consumo de energia industrial quase à metade. Em relação à melhoria da eficiência no uso de materiais, o desenvolvimento de parques ecoindustriais permitirá a implementação eficaz da produção em circuito fechado, elevando a vida útil dos materiais. O cenário de investimento verde para a indústria de transformação sugere que consideráveis melhorias na eficiência energética podem ser alcançadas. O investimento verde também aumentará o emprego no setor, com efeitos consideráveis na geração de empregos indiretos [IEDI (2011)].

Os investimentos industriais que diversificam a produção agrícola e adensam essas cadeias, a exemplo do tomate, do alho e de condimentos alimentares, são promissores, porém insuficientes. É preciso diversificar no sentido de atrair setores distintos da agricultura, como a farmoquímica, os equipamentos de precisão e tecnologia da informação. Um exemplo da diversificação industrial é o eixo Brasília-Goiânia, que movimentou mais de R\$ 220 bilhões em 2010³¹ [IMB (2011b)].

Além do setor agrícola, a superestrutura goiana é uma oportunidade ímpar para o crescimento da logística e do comércio, setores em que Goiás tem tradição. Cita-se como exemplo o município de Alexânia, no entorno do Distrito Federal, que criou uma zona com benefícios fiscais onde se instalaram vários *outlets*. Além disso, os recursos naturais e as belezas cênicas constituem grande potencial para expansão do turismo. Essas atividades, além de gerar riqueza, têm importante efeito sobre o crescimento da classe média, que demandará mais serviços especializados, retroalimentando a geração de riqueza.

Em resumo, a nova onda de expansão em Goiás conta com as mesmas vantagens competitivas da onda anterior, mas acrescenta o aproveitamento sustentável dos recursos naturais e possibilidades de crescimento do setor de serviços, os quais impactam positivamente o crescimento da classe média em consequência do aumento de renda e da urbanização.

³¹ Anápolis possui duas grandes indústrias automobilísticas, além de oito laboratórios farmacêuticos. Outra fabricante de veículos multinacional está em Catalão, no sul do estado, região que abriga Caldas Novas, o décimo destino turístico mais visitado do país com infraestrutura aeroportuária [IMB (2011b)].

FIGURA 4 Densidade populacional (hab.km⁻²) e IFDM³² dos municípios goianos no ano de 2010

FIGURA 4A Densidade populacional

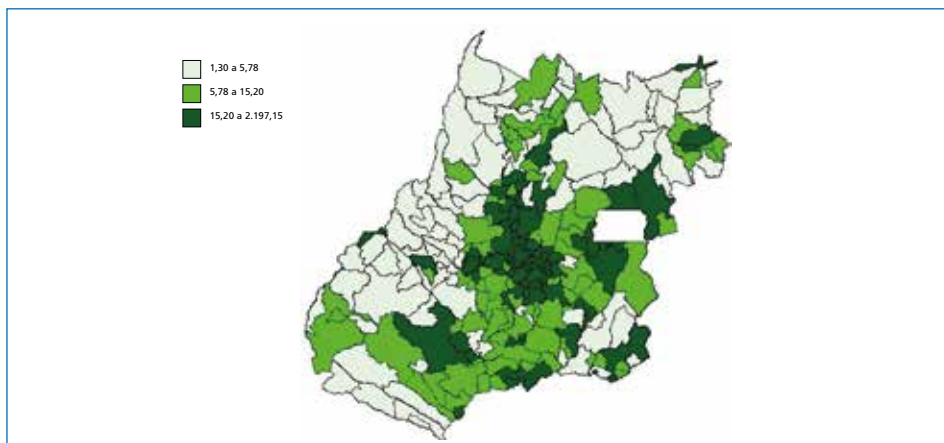
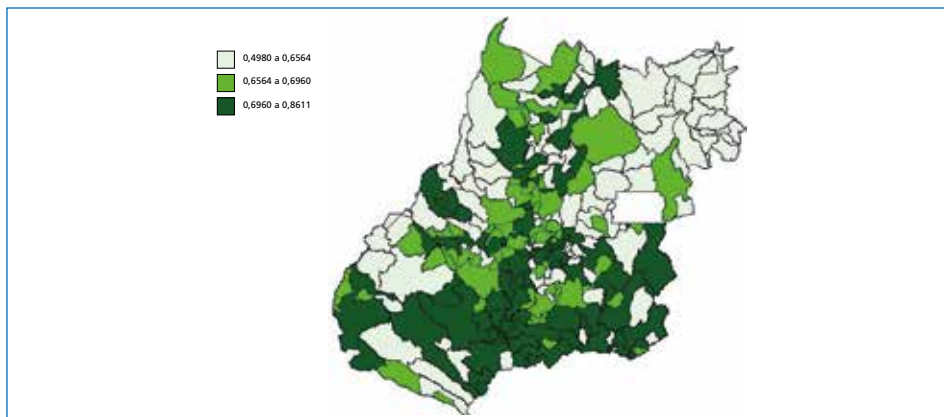


FIGURA 4B IFDM



Fonte: Elaboração própria, com base em dados de IBGE (s.d.) e Firjan (s.d.).

³² O IFDM é uma boa referência do desenvolvimento, pois: (i) a avaliação do emprego e renda leva em conta a geração e o estoque de emprego formal, bem como seus salários médios; (ii) para avaliar o desenvolvimento da educação, a pesquisa avalia a taxa de distorção idade-série, o percentual de docentes com ensino superior, a média de horas-aula diárias, a taxa de matrícula na educação infantil, a taxa de abandono e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb); e (iii) ao avaliar a saúde, o estudo leva em conta o número de consultas pré-natal, os óbitos por causas mal definidas e os óbitos infantis por causas evitáveis [Firjan (s.d.)].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia de Goiás passou de uma base primária (agrícola e mineração) para uma economia atrelada à “locomotiva do crescimento movida pela inovação tecnológica”, o que, a princípio, a caracteriza como moderna. Uma explicação para a dinâmica virtuosa de Goiás são os transbordamentos intersetoriais da agricultura para indústria e de ambos para os serviços. Esses transbordamentos promovem a geração de empregos qualificados, o que estimula o crescimento da classe média com reflexos positivos para o desenvolvimento econômico.

Nesse caso, em uma primeira análise elaborada pelo Instituto Mauro Borges [IMB (2013)] e confirmada nesse estudo, identificam-se três regiões economicamente distintas em Goiás: (i) a Metade Sul, composta pelas regiões sudeste, sul, sudoeste e Metropolitana de Goiânia; (ii) a Metade Norte, composta pelas regiões nordeste, norte, centro e oeste; e (iii) o Entorno do Distrito Federal.

A infraestrutura logística de Goiás, incluindo o Distrito Agroindustrial e a Estação Aduaneira do Interior, ambos em Anápolis, configura um nó estratégico de distribuição de cargas de abrangência nacional e internacional. Por sua localização estratégica, Goiás pode ser um centro nacional de serviços de logística integrada com oportunidades de agregar valor às mercadorias,³³ além de contribuir para consolidar os polos de desenvolvimento do Centro-Oeste. Quando concluídas, a Ferrovia Norte-Sul e a integração multimodal em Anápolis (Plataforma Logística Multimodal de Goiás) concretizarão o conceito de central de inteligência logística com acesso eficiente aos eixos de transporte rodoviário, ferroviário e aeroportuário, que permiti-

³³ No passado a logística cuidava do planejamento de vários itens importantes, como o armazenamento, a distribuição e a manutenção de vários materiais, como armas, roupas, além de alimentos, saúde, transportes etc. Na atualidade, a logística, além dos valores inerentes à atividade (de lugar, de tempo, de qualidade e de informação), um centro logístico pode considerar a montagem, o processamento e a embalagem, entre outros aspectos de agregação de valor em uma cadeia de produção [Moura (2006)].

rá a integração do Centro-Oeste com as principais rotas logísticas do país [IMB (2013)].

O futuro econômico de Goiás é promissor, porém, é preciso atenção com alguns aspectos. A dinamização das áreas menos dinâmicas e a redução da heterogeneidade não são simples. Requerem a criação de uma superestrutura que possibilite a inserção dessas regiões na “imensa teia de relações” globais se atrelando aos “vagões” da “locomotiva do desenvolvimento movida pela inovação tecnológica”. O desenvolvimento de algumas áreas, como a Metade Sul e o Entorno do Distrito Federal, é bem mais complexo, pois depende da diversificação de atividades geradoras de emprego e renda. A questão é que essa diversificação esbarra na precariedade da superestrutura local. Ainda, é preciso atenção para a qualificação das futuras gerações preparando-as para ingressar no modelo de desenvolvimento vigente. Investimentos em saúde, educação e infraestrutura são essenciais, mas é necessário romper com o ciclo do atraso integrando economicamente as regiões hoje marginalizadas ao mundo por meio de atividades novas, além de promover o crescimento da classe média regional.

Até o presente as políticas foram virtuosas em transformar os recursos naturais goianos em recursos econômicos com base em uma superestrutura (recursos naturais, capital, empreendedorismo e infraestrutura) bem constituída. Já as transformações necessárias para atrelar integralmente Goiás aos diferentes “vagões da locomotiva” são mais complexas. Nesse sentido, Furtado (1954) destacou que os primeiros passos para a construção do capital físico são relativamente fáceis, a dificuldade em manter a trajetória de crescimento do capital físico sobressai quando este demanda mais intensamente o capital social. A questão que surge dessa afirmação é: como medir o capital social? Segurança, saúde, educação etc. são indicadores importantes, mas não qualificam o capital social e, por si só,

não definem as estratégias necessárias para a dinamização de regiões decadentes e muito menos para a superação da heterogeneidade goiana. Levando isso em conta, o sucesso no futuro não depende apenas das experiências presentes e passadas; na maioria dos casos, ele requer a quebra de paradigmas. A questão é que analisar trajetórias e, se necessário, estabelecer medidas para romper paradigmas, requer planejamento e instituições adequadas – condições essenciais para o desenvolvimento das superestruturas virtuosas que o futuro de Goiás requer.

REFERÊNCIAS

- ABDON, M. M. *et al.* Classificação de pastagens degradadas nos municípios de Corguinho e Rio Negro, MS, utilizando fusão de imagens CBERS. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, número especial, p. 709-720, 2009.
- AGRITEMPO. *Sistema de Monitoramento Agrometeorológico*. [On-line]. Disponível em: <<http://www.agritempo.gov.br/agritempo/>>. Acesso em: 27 fev. 2014.
- AUTY, R. M.; GELB, A. Political economy of resource-abundant states. In: AUTY, R. M. (org.). *Resource abundance and economic development*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 126-144.
- BASTOS, C. P.; D'AVILA, J. G. O debate do desenvolvimento na tradição heterodoxa brasileira. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 13, n. 2, p. 173-199, mai.-ago. 2009.
- CASTRO, M. M. *Análise econômica e tecnológica da produção orgânica de propriedades de agricultura familiar do Distrito Federal e entorno*. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Agronomia) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2005.
- CBN GOIÂNIA. Consumo da classe média em Goiás cresce cerca de R\$ 2 bi. *Brasil Popular*, 4 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.cbngoiania.com.br/programas/cbn-goiania/cbn-goia%3%A2nia-1.213644/consumo-da-classe-m%3%A9dia-em-goia%3%A1s-cresce-cerca-de-r-2-bi-1.468668>>. Acesso em: 27 fev. 2014.
- CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 1997. 247p.
- CORREA, A. M. C. J.; FIGUEIREDO, N. M. S. Riqueza, desigualdade e pobreza: um perfil da região Centro-Oeste no início do século XXII. *Pesquisa & Debate*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 45-65, 2006.

DE NEGRI, J. A.; KUBOTA, L. C. (org.). *Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006. 502 p.

FIORI, J. P. O.; CAMPOS, J. E. G.; ALMEIDA, L. Variabilidade da condutividade hidráulica das principais classes de solos do estado de Goiás. *Geociências*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 229-235, 2010.

FIRJAN – FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO. Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal [On-line]. Disponível em <<http://www.firjan.org.br/ifdm>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

FURTADO, C. O mecanismo do desenvolvimento. In: _____. *Economia brasileira (contribuição à análise do seu desenvolvimento)*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1954, p. 191-210.

GOIÁS. *Infraestrutura e energia* [On-line]. Disponível em: <<http://www.goias.gov.br/paginas/invista-em-goias/infraestrutura-e-energia>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

IEDI – INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. Sustentabilidade: nova fronteira para a política industrial. *Análise IEDI*, 20 mai. 2011. Disponível em: <http://www.iedi.org.br/artigos/top/analise/analise_iedi_20110520_sustentabilidade_nova_frenteira_para_a_politica_industrial.html>. Acesso em: 27 fev. 2014.

IMB – INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. *Produto Interno Bruto dos municípios goianos – 2010*. Goiânia: Segplan, 2011a. 40 p.

_____. *Produto Interno Bruto do estado de Goiás – 2010*. Goiânia: Segplan, 2011b. 40 p.

_____. *Estado de Goiás: características socioeconômicas e tendências recentes*. Goiânia: Segplan, 2013. 85 p.

JORGENSON, D. W. Innovation and productivity growth. *American Journal of Agricultural Economics*, v. 93, n. 2, p. 276-296, 2011.

MOURA, B. C. *Logística: conceitos e tendências*. Lisboa: Centro Atlântico Ltda., 2006. 172 p.

NASCIMENTO, E. *As desigualdades socioespaciais urbanas numa metrópole interiorana: uma análise da região metropolitana de Campinas (SP) a partir de indicadores de exclusão/inclusão social*. 243 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2013.

PALACIN, L. M.; DE SANT'ANNA, M. A. *História de Goiás*. Goiânia: Imprensa da UFGO, 1975. 125 p.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Tradução: Monica Baumgarten de Bolle. Intrínseca, 2014. 672 p.

RIBEIRO, F. A.; RODRIGUES, O. S. Parque Tecnológico de Anápolis, estratégia de desenvolvimento sustentável do Estado de Goiás. In: XXIII SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS, Recife (PE), 2013. *Anais...* 2013. Disponível em: <<http://anprotec.org.br/anprotec2014/files/artigos/artigo%20%2819%29.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

RODRIGUES, W.; VASCONCELOS, S. J.; BARBIERO, A. Análise da efetividade socioeconômica do Prodecir III no município de Pedro Afonso, Tocantins. *Pesquisa Agropecuária Tropical*, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 301-306, out.-dez. 2009.

SANTOS, R. J. *Gaúchos e mineiros do cerrado*. Uberlândia: EDUFU, 2008. 249 p.

SEINFRA – SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DE GOIÁS. *Balço energético do estado de Goiás 2011*. Disponível em: <<http://www.seinfra.go.gov.br/post/ver/104063/balanco-energetico>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

SIDONIO, L. *et al.* Panorama da aquicultura no Brasil: desafios e oportunidades. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, BNDES, v. 35, p. 421-463, mar. 2012.

VIEIRA JUNIOR, P. A.; VIEIRA, A. C. P.; BUAINAIN, A. M. O Centro-Oeste brasileiro como fronteira agrícola. Grupo Temático: Globalización y Cambios Estructurales y Sociales de la Agricultura. In: VII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA RURAL (ALASRU), Quito/Equador, 2006. *Anais...* 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cd alasru2006/07%20GT%20Pedro%20Abel%20Vieira%20Junior,%20Adriana%20Carvalho%20Pinto%20Vieira,%20Antonio%20Marcio%20Buainain.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

WEF – WORLD ECONOMIC FORUM. *World Economic Forum Annual Meeting 2014*. Disponível em: <<http://www.weforum.org>>. Acesso em: 27 fev. 2014.